



**OS PAVILHÕES DA EXPOSIÇÃO BRASILEIRA-ALLEMÃ DE 1881:
ARQUITETURA, IMAGEM E MEMÓRIA**

**THE PAVILIONS OF THE 1881 BRAZILIAN-GERMAN EXHIBITION:
ARCHITECTURE, IMAGE, AND MEMORY**

Roberto Heiden¹
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)
Associado ANPAP: não

RESUMO

A “Exposição Brasileira-Allemlã” de Porto Alegre, realizada entre 1881 e 1882, teve como objetivo evidenciar as potencialidades da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e promover o comércio internacional. O evento também colaborou com a formação do campo artístico local, ao exibir obras de arte e registrá-las no catálogo da exposição, em um contexto em que eram raros os espaços destinados à produção e circulação artística na província. Para a mostra, foram construídas estruturas como o “Palácio da Indústria”, edifício de madeira com mais de 2.000 m², que dialogava com a arquitetura efêmera das grandes feiras universais do século XIX. Destruído por um incêndio, o pavilhão teve parte de sua memória preservada por meio de litografias e textos jornalísticos, elementos que este manuscrito, fruto de pesquisa documental e bibliográfica, se propõe a apresentar.

Palavras-Chave: Litografia Imperial. Palácio da Indústria. Emílio Wiedmann. Exposições Universais. Exposição Brasileira-Alemlã.

ABSTRACT

The “Brazilian-German Exhibition” in Porto Alegre, held between 1881 and 1882, aimed to highlight the potential of the Province of São Pedro do Rio Grande do Sul and to promote international trade. The event also contributed to the development of the local artistic field by displaying artworks and recording them in the exhibition catalogue, at a time when spaces dedicated to artistic production and circulation were rare in the province. For the exhibition, structures such as the “Palace of Industry” were built—a wooden building of over 2,000 square meters, which echoed the ephemeral architecture of the great 19th-century world fairs. Destroyed by fire, the pavilion had part of its memory preserved through lithographs and newspaper articles—materials that this manuscript, based on documentary and bibliographic research, seeks to present.

KEYWORDS: *Imperial Lithograph. Palace of Industry. Emílio Wiedmann. World’s Fairs. Brazilian-German Exhibition.*

¹ Roberto Heiden é Professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) no Departamento de Museologia, Conservação e Restauro (DMCOR), Graduado em Licenciatura em Artes (UFPel, 2005), Mestre e Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel, 2008 e 2017). É docente de História da Arte nos cursos de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis e Museologia e no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel). Currículo lattes: <https://lattes.cnpq.br/7427421019918001>.



Introdução

Este manuscrito aborda o conjunto de estruturas construídas para sediar a “Exposição Brasileira-Allemã”, realizada entre 04 de outubro de 1881 e 05 de fevereiro de 1882 em Porto Alegre, na então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, a partir da análise de uma gravura de 1881 produzida pela “Litografia Imperial” de Emílio Wiedmann. O trabalho busca contextualizar o complexo expositivo, em especial o pavilhão central do evento, à época denominado pela imprensa como “Palácio da Indústria”, por meio do cruzamento das informações visuais presentes na gravura com fontes jornalísticas do período. Tanto a imagem quanto os relatos jornalísticos revelam-se fundamentais, considerando que a exposição ainda é pouco estudada e que, até o momento, não foram localizadas fotografias ou outras representações visuais do espaço construído para o evento.

A “Exposição Brasileira-Allemã”, primeira feira de caráter internacional realizada no Brasil Império, foi articulada por empreendedores locais apoiados pela presidência da Província e pela Sociedade Central de Geografia Comercial de Berlim. Embora não tenha sido uma exposição de arte, pois constituiu-se como uma feira organizada para promover o comércio internacional e a divulgação das potencialidades produtivas, econômicas e naturais dos entes envolvidos - com ênfase na então Província sede do evento - durante a exposição, a arte recebeu importante destaque (Gazeta de Porto Alegre, 05/10/1881, p. 01; Porto, 1996).

A mostra apresentou um panorama de artistas, obras de arte, trabalhos manufaturados e fotografias. A partir do Catálogo da Exposição Brasileira-Allemã (1881), apesar de seu tom descritivo e laudatório, destacam-se as participações do fotógrafo ítalo-brasileiro Luigi Terragno, do litogravurista teuto-brasileiro Emilio Wiedemann e do também teuto-brasileiro Balduíno Röhrig, com retratos fotográficos e pinturas a óleo. Ressalta-se ainda o pintor ítalo-brasileiro Frederico Trebbi, autor de um retrato de Carlos von Koseritz, que foi um influente jornalista teuto-brasileiro e um dos principais organizadores do evento. O fotógrafo brasileiro Augusto Amoretti também participou com seus retratos.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

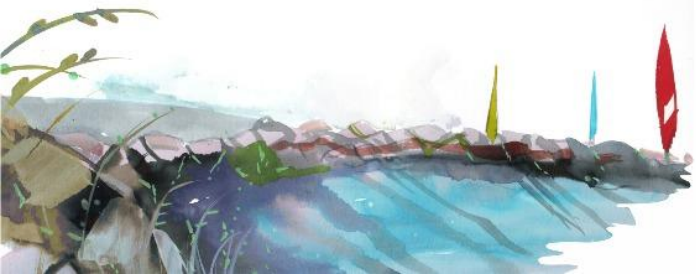
Pedro Weingärtner, à época um jovem artista brasileiro, foi destacado como um nome promissor. Segundo o catálogo da exposição, ele apresentou oito “estudos physiomicos” a óleo sobre tela e dois retratos imperiais em crayon dos monarcas brasileiro e alemão, D. Pedro II e Guilherme I, tendo sido comentado que:

Os dez quadros exhibidos [...] chamam sobre si a atenção de todos aquelles que os contemplam de passagem; elles revelam no seu autor uma vocação decidida, talvez mesmo um genio ainda em embrião. Os retratos dos dous monarcas estão admiraveis de semelhança; mas os estudos physiomicos, em nossa fraca opinião, lhes levam a palma. Esse rosto de mulher em claro obscuro, a claresa dos contornos na sombra, e a expressão dessas differentes physiomias nos fazem lembrar o pincel inspirado de Rembrandt, o grande mestre da escola hollandesa (Catálogo da Exposição Brasileira-Allemã, 1881, p. 248).

Chama a atenção a importante quantidade de retratos na exposição, o que é simbólico da realidade de mercado para os pintores e fotógrafos da época, que tinham nesse gênero uma de suas principais formas de subsistência. Assim observa Damasceno (1971) ao analisar a cena artística no Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX. Nesse sentido, a feira foi provavelmente uma oportunidade para os fotógrafos da época e merece destaque a "nota" no catálogo do evento agregada às informações sobre as fotografias de Amoretti:

Quem olhar attentamente para estes trabalhos e para outros da mesma especie feitos em Porto Alegre e Rio Grande reconhecerá que não estamos atrasados na arte photographica e que estes e outros quadros poderiam ir despertar concurrencia fóra daqui em centros bem adiantados da civilisação (Catálogo da Exposição Brasileira-Allemã, 1881, p. 327).

Cabe ainda ser comentado que foram expostos um número expressivo de trabalhos em pintura, escultura e artes aplicadas diversas (destacadamente mobiliário), feitos por artistas e artesãos homens e mulheres, nomeados no referido catálogo, com alguns dos seus autores tendo recebido destaque e breves notas (Catálogo da Exposição Brasileira-Allemã, 1881).



extremos

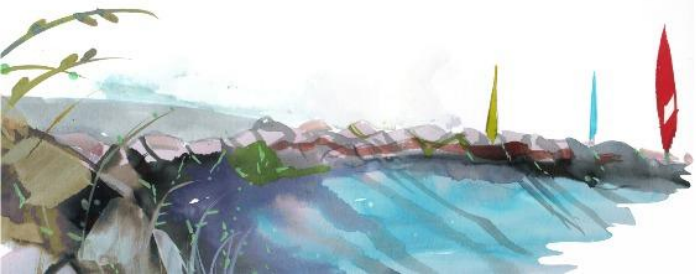
34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

A feira recebeu milhares de visitantes – cerca de 10.000 pessoas somente no primeiro mês (A Discussão, 22/11/1881, p. 02). O evento ofereceu uma visibilidade aos artistas locais que pode ser considerada inédita para a época. Krawczyk (1997) e Damasceno (1971) apontam que, apesar de uma certa fragilidade quanto ao juízo crítico por parte da comissão organizadora, o legado pode ser visto como positivo para a divulgação do trabalho de artistas na província, que costumavam apresentar suas obras em espaços igualmente alternativos, porém, com muito menos visibilidade. Relatam ainda esses autores que, embora a mostra tenha reunido uma grande variedade de itens, de produtos agrícolas a industrializados, foram também apresentadas dezenas de obras que oscilavam entre artistas consolidados, amadores e diletantes. Chama ainda atenção que foram expostos artefatos em uma “seção científica”, contendo exemplares de etnografia, arqueologia, paleontologia, zoologia, entre outros (Gazeta de Porto Alegre, 04/10/1881, p. 01).

A Gravura de Emílio Wiedmann

Emílio Wiedmann imigrou para o Brasil em 1851, integrando um batalhão formado por alemães que lutaram representando o país na Guerra contra Oribe e Rosas (1851–1852). Entre seus companheiros de batalhão estava Carlos von Koseritz. Após o conflito, assim como Koseritz, Wiedmann estabeleceu-se em Porto Alegre, onde, em poucos anos, passou a atuar no campo da litografia, uma técnica com a qual já tinha familiaridade e demonstrava talento. Em 1855, ele tornou-se proprietário da Litografia Imperial, fundada no ano anterior por Raymundo Álvares da Motta. Sob sua direção, a casa teve um longo período de atividade, operando até 1925. Wiedmann a conduziu quase ininterruptamente até sua morte, em 1907, compartilhando a gestão, em determinados momentos, com filhos e sócios. Após seu falecimento, a empresa foi mantida por seus herdeiros (Damasceno, 1971, p. 351–352).

A Litografia Imperial produzia uma variedade de itens, tais como litografias, tipografias, pautações e encadernações. Também realizava retratos impressos e outros tipos de estampas, criados por artistas de grande habilidade, como o próprio Wiedmann, além



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

de J. Brueggmann, Inácio Weingärtner, Röhring Bergamini, Luiz Wiedmann (seu filho) e outros colaboradores (Damasceno, 1971, p. 352-353; Porto, 1996, p. 220).

Wiedmann, além de produzir a gravura que representa os pavilhões da feira, também participou da mostra. O catálogo da exposição traz informações sobre seus impressos, que se constituíam em “Dous quadros com trabalhos diversos da Lithographia Imperial”. A publicação ainda destaca o empreendimento de Wiedmann dizendo que:

Esta lithografia acha-se perfeitamente montada, tendo prelos movidos a vapor, machinas para typographar cartões instantaneamente e possuindo no seu proprietario um gravador habilissimo, ha muitos annos um dos melhores lithographos desta provincia (Catálogo da Exposição Brasileira-Allemã, 1881, p. 265-266).

A gravura sobre a “Exposição Brasileira-Allemã” da Lithographia Imperial apresenta uma imagem que pretende ser a representação de uma vista panorâmica do evento e dos seus espaços expositivos. A cópia localizada durante a pesquisa pertence ao Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs). Na parte inferior, à direita, ocupando área discreta, vê-se a identificação de autoria do trabalho: “Lith. Imp. E. Wiedmann”. O detalhamento do desenho revela o caráter documental que a imagem buscou ter, no que pese o aspecto por vezes ingênuo na forma como estilisticamente alguns elementos foram ilustrados e, sobretudo, a desproporção entre a escala das figuras humanas e das edificações.

Neste panorama, vê-se representado (Imagem 1), mais à direita da composição, o principal pavilhão expositivo, o “Palácio da Indústria”: trata-se de uma edificação com quatro torres, uma em cada canto, de dimensões semelhantes, além de uma torre central, de proporções maiores. As fachadas do primeiro nível e das torres são preenchidas por inúmeras janelas encimadas por diversas bandeiras. O pavilhão principal é circundado por outros espaços expositivos menores, com formatos e dimensões variadas. Em frente ao edifício, destaca-se um jardim com pequenas fontes, portões de entrada e, ao fundo, um pequeno parque de diversões. A



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

representação das ruas vizinhas revela casas térreas ou de dois pavimentos. Ao fundo, a perspectiva sugere o início da zona rural, com campos abertos, morros e o céu. A cena é animada por figuras humanas, bondes e carroças puxadas por cavalos.

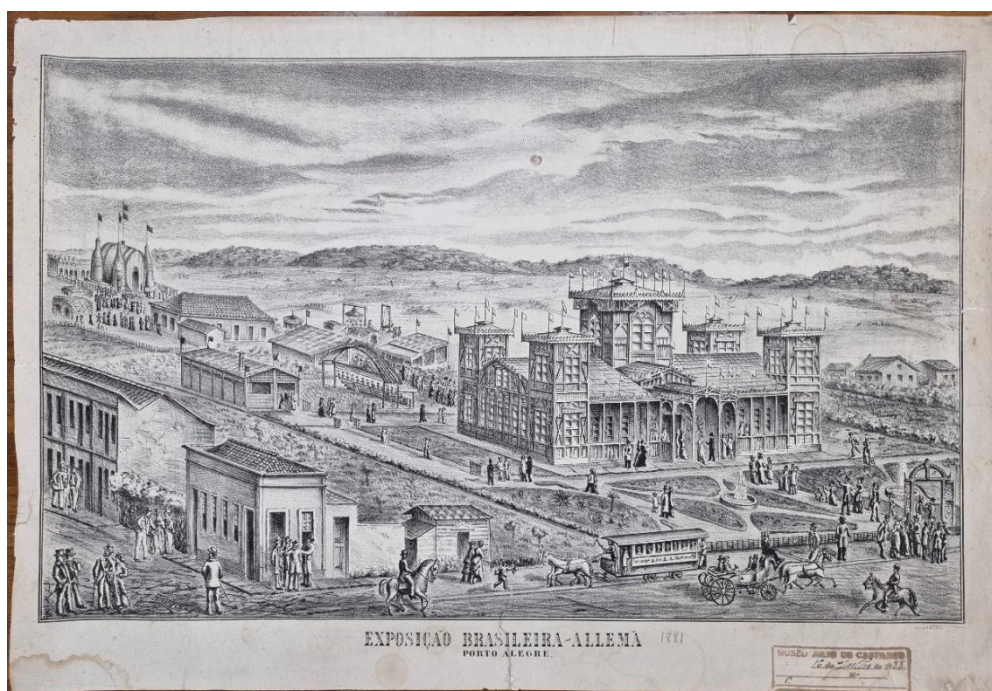
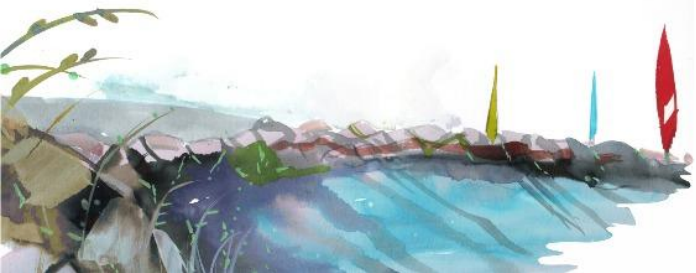


Imagem 1. Impresso da Litografia Imperial de E. Wiedmann com panorama da Exposição Brasileira-Allema de 1881 em Porto Alegre. Fonte: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

Os elementos perceptíveis na gravura são, em sua maioria, compatíveis com os relatos jornalísticos publicados na época sobre o evento. No presente, essas matérias complementam esse conteúdo visual com uma série de informações que contribuem para a reconstrução da memória daqueles dias, revelando aspectos da organização, da experiência dos visitantes e da configuração dos espaços expositivos.

No entanto, cabe mencionar que essa não é a única imagem dos pavilhões da exposição de que se tem notícia. A Gazeta de Porto Alegre (10/12/1881, p. 04) informava que, em dado momento, iniciava-se a exposição e venda, no Palácio da Indústria, de “excelentes e grandes vistas de todo o complexo da mesma Exposição”, litografadas por Emílio Wiedmann a partir de um desenho de Hugo Bergamini. Embora essa informação sugira que a notícia possa se tratar da gravura analisada neste



extremos

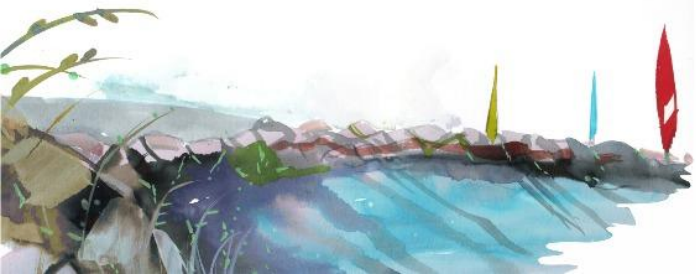
34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

manuscrito, não é possível afirmar com certeza, uma vez que o mesmo texto menciona que a nova gravura se trata de “[...] uma excelente vista em formato grande (muito maior do que a que existia), fidelíssima em tudo, e que portanto constitui uma agradável recordação para todas as pessoas que frequentam a exposição”. Ou seja, existiram pelo menos duas gravuras com panoramas da feira. Além disso, o nome de Bergamini não consta no exemplar da impressão do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Resta, portanto, a dúvida: a dita gravura anterior seria uma obra distinta ou corresponderia à versão aqui estudada? Trata-se de uma questão que só poderá ser esclarecida com a descoberta de outros impressos sobre a exposição.

Além das litografias, houve outros documentos e objetos retratando os pavilhões. O periódico *Echo do Sul* (06/09/1881, p. 01) registrou o recebimento de um “bonito quadro fotográfico representando o principal edifício da exposição brasileira-alemã”, registro não localizado em nenhum dos acervos já pesquisados. O evento também conferiu uma série de medalhas aos expositores premiados com destaque, medalhas de ouro, prata e bronze, cunhadas na casa da Moeda do Rio de Janeiro. Essa cunhagem, segundo o periódico *A Discussão de Pelotas* (29/11/1881), era “[...] perfeita e muito honra o importante estabelecimento dirigido pelo notável rio-grandense, Sr. Dr. Bento José Ribeiro Sobrego, um dos primeiros engenheiros do Brasil, por seu talento e ilustração”. Essas medalhas reproduzem em destaque a fachada do “Palácio da Indústria”, com grande semelhança à imagem da gravura da Litografia Imperial, apesar do ângulo de representação¹.

A memória textual do espaço expositivo

Textos da imprensa gaúcha entre 1881 e 1882 contribuem para reconstruir a memória dos espaços e da decoração dos pavilhões da exposição. Esses relatos coincidem amplamente com a visualidade da gravura de Wiedmann. A combinação das descrições textuais com o conteúdo visual da litografia permite compor um panorama da Exposição Brasileira-Allemã. É nesse sentido que, a seguir, detalharemos a estrutura expositiva em questão.



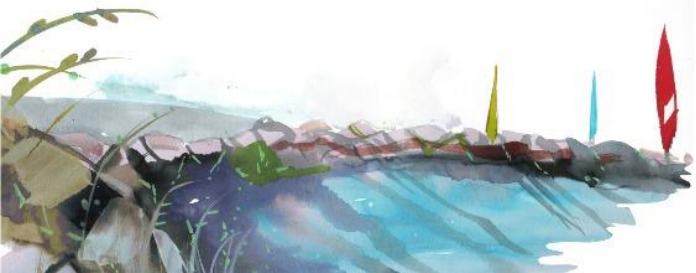
extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Os pavilhões abrigaram centenas de expositores de diversas províncias brasileiras, tais como Alagoas, Pernambuco, Santa Catarina, São Paulo, além de material vindo da Alemanha, transportado por três navios chamados Elisa, Helios e Werkles, que trouxeram como carga milhares de itens, predominantemente industrializados. Os produtos alemães contrastavam com o conjunto mais simples dos itens das representações nacionais brasileiras. O “Palácio da Indústria”, construído inteiramente em madeira, assemelhava-se aos palácios industriais das grandes exposições universais, mas também evidenciava as limitações materiais e econômicas locais: em vez do ferro, frequentemente utilizado na estruturação dos pavilhões das feiras nos grandes centros hegemônicos, o uso da madeira expunha as distâncias tecnológicas e econômicas que separavam o sul do Brasil dessas potências (Jornal do Commercio, 24/07/1881, p. 2).

Desde o seu anúncio, a Exposição Brasileira-Allema enfrentou forte resistência política de influentes adversários da comissão organizadora, que usaram a imprensa para publicar críticas desqualificando a iniciativa sob diversos aspectos, inclusive apontando o uso da madeira na construção do Palácio da Indústria como argumento para desencorajar a participação de expositores. O edifício chegou a ser pejorativamente chamado de “gaiola de estacas e de sarrafos”. Em resposta, Graciano de Azambuja (29/07/1881), um dos organizadores e responsável pela editoração do catálogo da mostra, assinou uma coluna na qual afirmou que os organizadores da exposição de Porto Alegre, se pudessem, teriam construído o palácio em pedra, ferro, mármore ou cristal, com dimensões ao menos quatro ou cinco vezes maiores e dotado do caráter de uma fortaleza e da durabilidade e luxo do “Memorial Hall” ou do “Horticultural Hall”, ambos localizados no Fairmount Park, na Filadélfia.

No entanto, afirmou também Azambuja (29/07/1881) que o palácio erguido na “Várzea” contou com cerca de “30 contos” de réis financiados pela província, valor à época insuficiente para cobrir o custo da construção, enquanto os edifícios da exposição de Filadélfia teriam custado cerca de “5.000 contos de réis”. Esses valores



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

contrastantes evidenciavam tanto a ambição quanto as limitações enfrentadas pela exposição de Porto Alegre.

Comparar o “Palácio da Indústria” às estruturas das grandes exposições universais não é casualidade, já que a disputa pública pela imprensa entre defensores e críticos da exposição frequentemente tomava esses eventos como referência. A Gazeta de Porto Alegre (10/10/1881, p. 1), por exemplo, afirmava que a Exposição Brasileira-Allema era a primeira do gênero realizada no Brasil Império. Sendo assim, não se poderia ser modesto diante de um fato dessa natureza, ainda que não se pudesse fazer “[...] concorrência às grandes festas da indústria do velho mundo ou na União do Norte”.

A realização da Exposição Brasileira-Allema foi também motivo de críticas em razão de seus pavilhões terem sido construídos em um terreno privado, com investimento parcialmente financiado por recursos públicos. Segundo a Gazeta de Porto Alegre (10/10/1881, p. 1), o local situava-se entre as ruas da Olaria e da Várzea, região à época conhecida como “Campo do Bom Fim”. A entrada principal se dava pela rua da Olaria, era ornamentada com bandeiras e contava com um jardim com espaços com água, plantas e árvores. Por lá também passavam os trilhos do bonde, que formavam um percurso com parada na Praça da Alfândega. Essa linha, que se encontra representada na gravura de Wiedmann, foi construída especialmente para a locomoção do público visitante, dado que, na época, a zona escolhida foi muito criticada devido às suas condições precárias de acesso.

Segundo a Gazeta de Porto Alegre (10/10/1881, p. 1), o edifício principal possuía mais de 2.000 metros quadrados de área expositiva construída, acrescida de cerca de 600 metros, caso fossem ainda considerados o segundo nível das cinco torres. A volumetria do edifício apresentava as “elegantes formas da Renascença”, e sua fachada principal contava com uma varanda destinada ao uso social. A torre central era ornamentada com uma grande bandeira brasileira, rodeada por quatro bandeiras



extremos

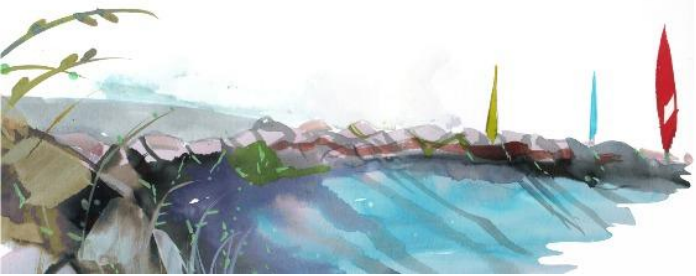
34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

alemãs. Nas torres de canto, via-se a composição inversa: bandeiras alemãs ao centro, cercadas por bandeiras brasileiras.

Em texto na Gazeta de Porto Alegre, Koseritz (28/11/1881, p. 1) descreve que a seção brasileira do evento poderia ser observada a partir da dita "Praça d'armas": ambiente "vasto e luxuoso", conformado a partir de quatro grandes colunas de madeira de cedro, ligadas no "[...] alto por cúpula envolta em sanefas de pano com as cores nacionais, adornadas com coroas e sarilhos de baionetas, e circundada por armas, lanças, espadas, reflex, sabres, etc., artística e elegantemente arranjados". Ao fundo, via-se um troféu com armas brasileiras, estandartes nacionais e em destaque o já mencionado retrato de Dom Pedro II de Pedro Weingärtner. O chão era forrado por uma "casemira verde" por onde se encontravam dispostos mais de 60 diferentes itens de um arsenal de guerra.

Pela porta dos fundos do edifício principal avistava-se, à esquerda, a "Casa das Máquinas" e ao lado dela uma abóbada de ferro que abrigava uma exposição de cimento, telhas e outros materiais. Do outro lado, encontrava-se uma estrebaria e próxima a ela foi montada uma barraca para receber uma exposição de flores. Nos fundos da chácara, com vista para a Várzea, localizava-se a casa do "Sr. Trein". O jardim contava com bandeiras, mesas, caramanchões e balanços para crianças. Foram ainda construídos dois chalés que recebiam músicos alemães e onde eram servidas bebidas. Ao fundo, a estrutura em madeira em frente à zona do portão da Várzea foi chamada de a "Pipa do Sr. Fúlvio" (Koseritz, 28/11/1881, p. 1).

Não está clara a função do pavilhão em forma de pipa (Imagem 2, à esquerda), porém, segundo o Jornal do Commercio (24/07/1881, p. 02), neste espaço "elegante e de grandes dimensões" pretendia o "Sr Fulvio" apresentar ao público "cousas do arco da velha". Ainda em relação à dita "casa das máquinas", a Gazeta de Porto Alegre (24/10/1881, p. 01) relatou que o espaço despertava atenção dos presentes, com itens que iam de equipamentos agrícolas e industriais até uma máquina que produzia gelo e preparava sorvetes. Em relação a exposição de flores e plantas ornamentais, o



Jornal do Commercio (27/11/1881) publicou matéria sobre a atividade iniciada no dia 21 de novembro de 1881. Foram apresentadas begônias, caládios, araucárias ornamentadas, palmeiras, urânias, bromélias, orquídeas, entre outras, destacando-se a “surpreendente beleza” dos buquês confeccionados por D. Anna Scheneid. Produtos e plantas para horticultura também estiveram dispostos neste espaço, que foi sumariamente representado (Imagem 2, à direita).

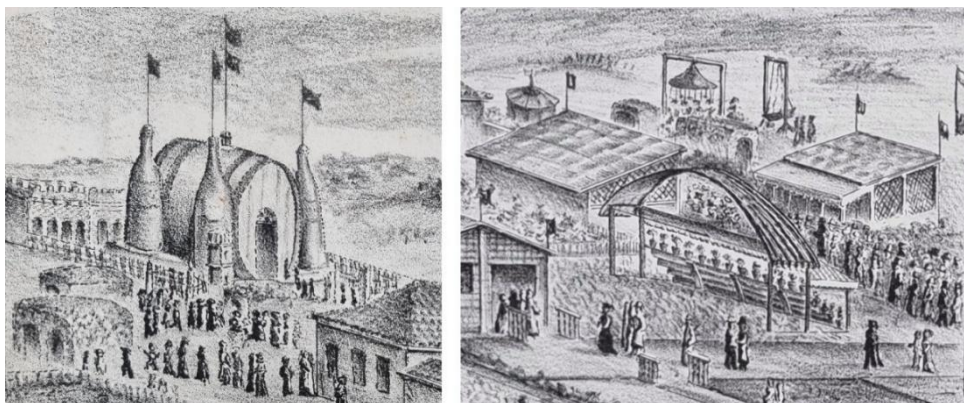
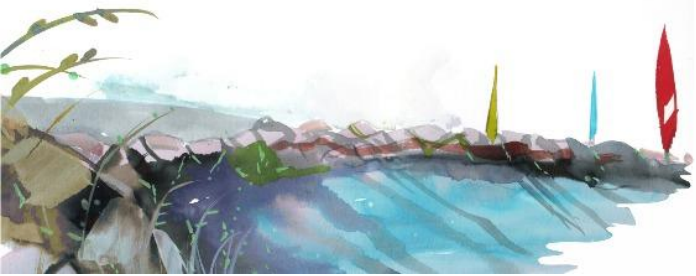


Imagem 2. Detalhes da Gravura da Litografia Imperial. À direita, o pavilhão em forma de pipa, à esquerda, ao centro, o estande com flores expostas.

Vandalismo, incêndio e o trágico fim de um projeto ambicioso

Desde a divulgação pública da iniciativa, a Exposição Brasileira-Allemã enfrentou opositores que, principalmente por meio da imprensa, buscaram desacreditar o evento. Esse movimento impactou os resultados da exposição, conseguindo, por exemplo, impedir a presença de D. Pedro II na abertura e dissuadir muitos expositores de participarem. Periódicos de Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e de outras localidades tomavam partido favorável ou contrário, promovendo trocas de acusações. Apesar da disputa retórica, a comissão organizadora não se omitiu e respondeu a muitos dos pontos considerados graves pelos opositores.

Alguns desses tópicos, como já acima mencionado, envolviam o fato de o evento ter sido estruturado em terreno privado, na chácara do “Sr. Trein”. No entanto, questões econômicas de fundo parecem ter tido maior relevância, embora menos divulgadas,



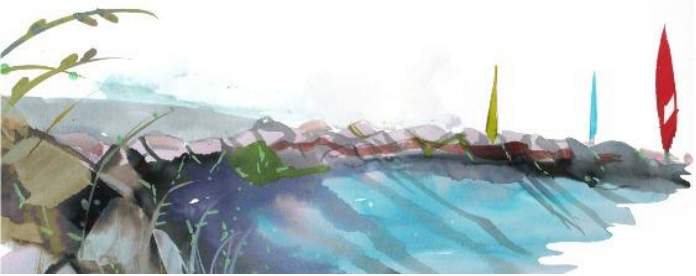
extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

permanecendo, ainda assim, como pauta para alguns dos principais organizadores da Exposição Brasileira-Alemã, como Carlos V. Koseritz e Graciano A. Azambuja, bem como de colaboradores ligados à redação de periódicos como a Gazeta de Porto Alegre.

Nesses embates verbais recheados de farpas, Azambuja (06/07/1881, p. 2) evidenciou que empresas importadoras lideradas por descendentes de alemães e sediadas em Porto Alegre estavam na base da resistência ao evento, pois buscavam impedir a aproximação entre produtores alemães e consumidores locais, o que certamente era visto como uma ameaça à saúde financeira de seus negócios. Em meio aos vários textos publicados na Gazeta da Tarde, Azambuja (16/07/1881) também destacou a semelhança entre os problemas enfrentados pelo evento de Porto Alegre e por iniciativas equivalentes em âmbito internacional. Argumentava ele que a resistência de opositores era relativamente comum em feiras dessa natureza, destacando, por exemplo, as intensas disputas que intoxicaram o debate público entre Nova York e Filadélfia antes da realização da Exposição Universal de 1876. Citou ainda a Exposição de Paris de 1878, que igualmente enfrentou forte oposição, mas acabou se revelando um grande sucesso.

Júnior (08/07/1881, p. 1) foi um dos raros a adotar um tom conciliador no debate público, por considerar razoáveis algumas críticas dos opositores do evento e defender que, mesmo sendo ele contrário à sua realização, a comunidade deveria prezar pelo sucesso da empreitada, visando ao desenvolvimento econômico da província. Argumentou ainda que, se os críticos viam a iniciativa como mera especulação privada voltada ao lucro, o mesmo não se aplicava à Sociedade Geográfica de Berlim, que, segundo ele, apenas cumpria seu dever de defender os interesses comerciais e econômicos de seu país. Lembrou também que a preferência pela Província de São Pedro do Rio Grande do Sul era natural, por ela concentrar o maior número de alemães e apresentar grande potencial para novos fluxos migratórios.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

A virulência com que se materializaram essas discussões não passou sem consequências. Se antes do início o evento já sofreu baixas que reduziram o inegável impacto cultural e econômico que a Exposição Brasileira-Allemã apresentou, poucos dias após o fechamento das portas ao público, as consequências foram ainda mais graves.

Nas últimas semanas de duração da exposição, a comissão organizadora, visando cobrir gastos ainda pendentes com a construção dos pavilhões, planejou um grande sorteio público de parte dos itens apresentados entre outubro de 1881 e fevereiro de 1882. O sorteio, porém, passou a ser criticado pelos opositores do evento. As críticas encontraram terreno fértil na opinião pública, já em parte contaminada pelo debate prévio contrário à realização da exposição.

O fato é que, após o encerramento da mostra, em 05 de fevereiro de 1882, a insatisfação popular cresceu de forma exponencial nos dias seguintes. Há registros de que, em 22 do mesmo mês, uma multidão enfurecida contestou o resultado do sorteio, amparada pelas críticas da imprensa de oposição, que denunciava supostos problemas, como o de prêmios de valor inferior ao dos bilhetes vendidos. O resultado foi que uma multidão incontrolável invadiu e atacou o “Palácio da Indústria”, apesar da força policial presente. A violência continuou a escalar no dia seguinte e, em poucas horas, deu-se início a um incêndio que devastou totalmente o palácio. O fogo destruiu parte dos itens de expositores internacionais ainda armazenados, possivelmente algumas obras de arte expostas, além dos objetos que seriam sorteados. Não há um inventário que afirme com precisão quais representações foram prejudicadas. Sabe-se, porém, que importantes coleções de artefatos indígenas e de etnologia de Carlos Von Koseritz foram perdidas (PORTO, 1996, p. 213; Gazeta de Porto Alegre, 27/02/1882, p. 01; Gazeta de Porto Alegre, 03/03/1882, p. 01).

Após mais de um ano de planejamento e negociações para a realização da Exposição Brasileira-Allemã, marcada por intensos debates públicos e por cerca de três meses de festividades, a rivalidade ideológica da época reduziu a cinzas o projeto idealizado



por um grupo que buscava promover a industrialização e a inserção internacional da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e, também, do Brasil. Como consequência, no presente, apesar dos escassos registros textuais e visuais remanescentes, é possível reconstruir, ainda que parcialmente, aspectos da história e da memória dessa exposição e desses dias marcados por celebração e conflito.

Referências

A DISCUSSÃO. Pelotas: Terça-feira, 22 de novembro de 1881. Anno I Número 258. Página nº 2. Biblioteca Pública Pelotense, Pelotas (RS).

A DISCUSSÃO. Pelotas: Terça-feira, 29 de novembro de 1881. Anno I Número 258. Página nº 2. Biblioteca Pública Pelotense, Pelotas (RS).

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. Emílio Wiedmann. Exposição Brasileira-Allema - Porto Alegre. Litografia. 1881. 42 x 59 cm. Fundo Iconografia. Portfólios-Exposição Brasileira-Allema - 1881, litogravura. 42 x 59 cm - P/B.,-s/d: P-003A/06. Porto Alegre (RS).

AZAMBUJA, Graciano A. de. Transcrição. A Exposição Brasileira-Allema. Cartas publicas á redação da Imprensa. VI. Srs. Redactores. Porto Alegre: Gazeta de Porto Alegre, Quarta-feira, 06 de julho de 1881, página 2. Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, Porto Alegre (RS).

AZAMBUJA, Graciano A. de. Transcrição. A Exposição Brasileira-Allema. Cartas publicas á redação da Imprensa. X. Srs. Redactores. Porto Alegre: Gazeta de Porto Alegre, Sábado, 16 de julho de 1881, página 1. Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, Porto Alegre (RS).

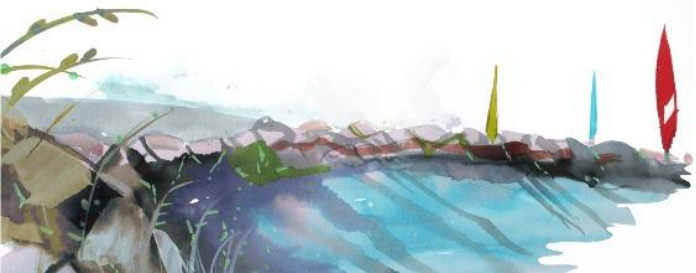
AZAMBUJA, Graciano A. de. Transcrição. A Exposição Brasileira-Allema. Cartas publicas á redação da Imprensa. XV. Srs. Redactores. Porto Alegre: Gazeta de Porto Alegre, Sábado, 29 de julho de 1881, página 1. Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, Porto Alegre (RS).

CATALOGO DA EXPOSIÇÃO BRASILEIRA-ALLEMÃ. Porto Alegre: Typographia da Deutsche Zeitung, 1881. Acervo da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (Porto Alegre-RS). Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS).

DAMASCENO, Athos. Artes Plásticas no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora Globo, 1971.

ECHO DO SUL. Rio Grande: Terça-feira, 06 de setembro de 1881. Anno XXVIII, nº 498. Biblioteca Riograndense, Rio Grande (RS).

GAZETA DE PORTO ALEGRE. "Abertura da Exposição Brasileira-Allema". Porto Alegre: quarta-feira, 5 de outubro de 1881, página 1. Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, Porto Alegre (RS).



GAZETA DE PORTO ALEGRE. "Exposição Brasileira-Allemã I. Porto Alegre: Segunda-feira, 10 de outubro de 1881, páginas 1. Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, Porto Alegre (RS).

GAZETA DE PORTO ALEGRE. Porto Alegre: Sábado, 10 de dezembro de 1881, página 4. Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, Porto Alegre (RS).

GAZETA DE PORTO ALEGRE. Porto Alegre: Segunda-feira, 24 de outubro de 1881, página 1. Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, Porto Alegre (RS).

GAZETA DE PORTO ALEGRE. Porto Alegre: Segunda-feira, 27 de fevereiro de 1882, página 1. Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, Porto Alegre (RS).

GAZETA DE PORTO ALEGRE. Porto Alegre: Sexta-feira, 03 de março de 1882, página 1. Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, Porto Alegre (RS).

GAZETA DE PORTO ALEGRE. Porto Alegre: Terça-feira, 04 de outubro de 1881, página 1. Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, Porto Alegre (RS).

JORNAL DO COMMERCIO. Pelotas: Domingo, 24 de julho de 1881, página nº 02. Biblioteca Pública Pelotense. Pelotas (RS).

JORNAL DO COMMERCIO. Pelotas: Domingo, 27 de novembro de 1881, página 02. Biblioteca Pública Pelotense. Pelotas (RS).

JUNIOR, Miguel Kaemer. Exposição Brasileira-Allemã. Gazeta de Porto Alegre. Porto Alegre: Sexta-feira, 08 de julho de 1881. Página 01. Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, Porto Alegre (RS).

KOSERITZ, C. V. Gazeta de Porto Alegre. Porto Alegre: Segunda-feira, 28 de novembro de 1881, páginas 1. Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, Porto Alegre (RS).

KRAWCZYK, Flávio. Arte incidental - as mostras de artes plásticas em Porto Alegre entre 1875 e 1903. Porto Arte, Porto Alegre, vol. 8, nº 14, p. 55-69, mai. 1997. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/27725/16333>>. Acesso em 07 de junho de 2025.

PORTO, Aurélio. O trabalho alemão no Rio Grande do Sul. Porto Alegrem: Martins Livreiro – Editor, 1996.

Notas

¹ Descrição: Medalha da Exposição Brasileira-Allemã - 1881, ocorrida em Porto Alegre. 16 de novembro de 2007. Foto de Gustavo Trapp. A imagem da medalha pode ser vista a partir do link disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/49/Med_expo_brasil_alemanha.jpg>. Acesso em 15 de junho de 2025.